

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Lapenda, Geraldo Calábria. 1965. Perfil da lingua yathê. *Arquivos* 21/47, p. 54-72. Recife: Secretaria de Educação e Cultura (Prefeitura Municipal do Recife)/Imprensa Universitária.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/lapenda_1965_perfil

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo foi digitalizado por Marcelo Lapenda e acrescentado ao acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em janeiro de 2009.

G. LAPENDA

BIBLIOTECA PARTICULAR
- DE -
- GERALDO C. LAPENDA -

ARQUIVOS

21/47

1952 - 1965

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - P.M.R.

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

PERFIL DA LÍNGUA YATHÊ

Geraldo C. Lapenda

Dentre os índios remanescentes em Pernambuco, são os Fulniôs os que ainda conservam o aspecto tribal, e o mais possível pura a sua língua. Povo bilingue, pois falam também o português embora ao modo dos matutos, vivem em uma aldeia de casas de taipa e algumas de tijolo, junto da cidade de Águas Belas, distante do Recife 275 quilômetros em linha reta. No entanto, desde o mês de agosto até novembro, embrenham-se pelo mato e vão a um lugar, a que chamam Uricuri, onde, ao pé do juazeiro sagrado, armam o aldeamento composto de choças, tôdas feitas de palha de palmeira. É o lugar onde se dedicam ao culto de sua religião primitiva, se bem que sejam batizados na Igreja Católica. Aí êles dançam o "toré", aí se reúne o conselho da tribo, aí vivem isolados e não permitem ao branco o acesso, senão durante o dia, e, mesmo assim, depois de permissão prévia.

Os Fulniôs ou Carnijós, conforme os chamaram os Portugueses, contam hoje aproximadamente 800 indivíduos. Plantam algodão, feijão, milho, mandioca; tecem esteiras, chapéus, cestas, bolsas e vassouras; caçam e pescam. 1) Aliás são ótimos

1) Com respeito a isso, é de supor que o prof. Estevão Pinto falará mais amplamente em seu livro (Os Fulniôs: uma cultura em transição), o qual talvez ainda será publicado no presente ano (1954) ou mesmo no próximo.

pescadores, pois mergulham e apanham o peixe com a mão. É por isto que dou a etimologia do seu nome como sendo de

fuli, rio

ni, ter, fazer

ho, sufixo de agente verbal.

Donde *fúlنيô* ou *fúlنيô* é “aquêlê que tem rio, aquêlê que é do rio”. (2) E de fato, segundo fui informado pelos antigos, êsse não era o nome com que se chamavam, mas o que lhes davam os outros índios da mesma raça e língua, como os Foklasás, habitantes no sopé da serra do Cumunati, enquanto os Fulniôs moravam junto do rio Ipanema (ou “*Fúlikhá*”, rio grande, largo). A expressão “ter ou fazer rio” seria neste caso análoga à nossa “fazer quarto a alguém”; não quer dizer que fabricamos um quarto. Assim de *fúli* teremos o verbo *fúlniká*, do mesmo modo que da raiz *kíli* (subir) se forma o verbo *kílniká* (levantar) e o nome verbal *kílnihô* ou *kílniô* (o que levanta, o levantador).

Alguns supõem a palavra “fulniô” proveniente de *fuli*, topete (*fu*, vertex; *li*, cabelo), seguido das partículas *ni* e *ho*, acima vistas; portanto significaria “aquêlê que tem topete”. Mas primeiramente quero lembrar que “topete” se diz *tfolí* ou mesmo

2) Cheguei a essa conclusão depois de vários dias de estudos. O prof. Estêvão Pinto pedira-me que eu investigasse qual seria mesmo a etimologia do nome “fulniô”, porque êle teria que usá-la em seu livro (Os Fulniôs: uma cultura em transição) e queria algo bem positivo. Apreciei sua sinceridade em reconhecer que apenas como etnólogo e antropólogo (aliás ilustríssimo), não podia aventurar-se no campo linguístico. Portanto procurei desempenhar tal incumbência também com a maior sinceridade possível para com o prezado Professor.

tfuli (*tfo*, vertex, sincipúcio; *li*, cabelo) e demais recebe sempre o prefixo pessoal "e"; por conseguinte teríamos *etfolnihô* para indicar "o que tem topete". Além disso os índios aí preferem usar o verbo *e-tfolinkya* em vez de *etfolniká*, e daí o nome verbal de agente seria *etfolinho* (*etfoliho*), que de maneira alguma daria "fulniô". Contudo não nego, dada a possibilidade de existir o verbo *etfolniká*, que esses índios derivem seu nome de *etfolnihô*: somente o julgo menos provável, porque na verdade eles têm rio e se relacionam com o rio, mas todos não usam apenas topete, nem há prova de o haverem usado.

A língua dos Fulniôs, chamada por eles *yathê*, isto é, "nossa fala", é muitíssimo interessante no ponto de vista linguístico. Tive ocasião de aplicar-me a ela quando o professor Estêvão Pinto, diretor da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, da Universidade do Recife, estando interessado em fazer estudos etnológicos acêrca desses índios, pediu-me colaborasse com êle no seu livro, o qual talvez se intitule "*Os Fulniôs: uma cultura em transição*". Ele faria a parte referente à etnologia, em que aliás é emérito e já bem conhecido; eu me encarregaria de levantar um vocabulário e compor uma gramática. Começamos o nosso estudo entre os índios. Em três meses já havia feito um esboço essencial da gramática e conseguido catalogar cêrca de 300 palavras. O vocabulário tive de apressá-lo, porque o Dr. Estêvão Pinto necessitava dêle para compor alguns capítulos do livro referentes à pesca, à caça, à fauna, à flora. Também a gramática não estava completa, mas devia prepará-la assim mesmo, pois o Etnólogo precisava dela para escrever o capítulo relativo à língua. Ao mesmo tempo estava ao meu encargo colher os vários mitos em língua *yathê*, o que de fato fiz, e já os forneci ao prof.

Estêvão Pinto. Levamos pouco mais de um ano nesse estudo e durante todo esse tempo procurei burilar a gramática e o vocabulário, sem nada mais acrescentar-lhes, porque serviria de apêndice ao livro do prof. Estêvão Pinto.

Portanto restou-me ainda quase sem efeito um material abundante. A minha intenção era escrever detalhadamente sobre a fonética com tôdas as suas leis, sobre a morfologia, sobre a sintaxe e mesmo sobre a estilística. Queria expor minuciosamente tôdas as regras possíveis, com suas particularidades e exceções; mostrar o papel da entonação, do acento, da quantidade, do "glottal-stop"; ver a sintaxe de colocação, de regência e de concordância, o encontro das palavras, a holófrase, o sintetismo do período; estudar os lusitanismos na forma e no sentido, os neologismos e arcaísmos fonéticos, léxicos e até sintáticos, os vulgarismos quanto à pronúncia, quanto ao vocábulo e quanto à construção, etc. Não me foi possível também distinguir nesse opúsculo as vogais cerebrais ou enfáticas, que têm papel importantíssimo na fonética (por causa das consoantes que as precedem) e principalmente na semântica; nem colocar no vocabulário o regime próprio de cada verbo e de cada nome. Possuo ainda todo esse material, mais ou menos coordenado. Espero, quando a oportunidade mo permitir, publicá-lo em sua totalidade.

Para que o leitor faça ao menos uma idéia do que seja a língua *yathê*, tão diferente das demais e considerada, talvez apenas aparentemente, como um quisto linguístico no Brasil, procurarei delinear aqui a sua essência:

1.º

Seus fonemas vocábulos são múltiplos: orais, nasais, breves, longos, abertos, fechados e enfáticos

ou cerebrais. Em muitos casos, ou talvez em muitíssimos, essa variação fonética, de qualquer espécie, produz variação semântica.

Quanto às consoantes, os sons na maioria são surdos, poucos os fonemas *b*, *g* (gutural), *r* (brando), *v* não são próprios da língua; o *z* e o *j* raríssimos: quase sempre causados por atração fonética; contudo *d* e *dy* são bastante encontrados, e em menor proporção o *l*, o *m*, o *n*. Por outro lado, a maior parte das palavras se constitui dos fonemas surdos *k*, *kh*, *t*, *th*, *f*, *s*, *x*, *tx*, *ty*, *ts*, embora o *p* e o *ph* sejam mais raros. Dominam os sons dentais, guturais e palatais; os labiais são pouco usados (3).

O *h* intervocálico, principalmente quando inicia um sufixo, tende a desaparecer: *kleke'niho* ou *kleke'nio* (onça); antes de *l* toma o som do "j" espanhol: *klê* (já, agora) = *jlê*; antes das outras consoantes geralmente desapareceu alongando a vogal precedente, porque, enquanto os antigos dizem p. ex. *flahneká* (renovar), os modernos pronunciam *flaneká* com o "a" longo; depois de con-

3) Uso dos *s* como sibilante surda (=ç). As formas *ty* e *dy* indicam um som dental semipalatal, o primeiro surdo e o segundo sonoro, como se fôsse seguido de semivogal *i*: são menos fortes que *tx* e *đj*. Os digramas *ph*, *th*, *kh* representam a oclusivas surdas *p*, *t*, *k* seguidas levemente de aspiração. O *n* antes de consoante é empregado apenas para designar a nasalização da vogal precedente: agi dêste modo quando se tratava de lusitanismos ou quando queria conservar a forma primitiva nas palavras derivadas. O fonema *nh* do português não existe. O *l* é geralmente velar, quando seguido de consoante, mas se esta por sua vez fôr seguida de *i* ou *y*, êle passa a dental. O grupo *ly* corresponde mais ou menos ao nosso *lh*. Uso do trema para indicar vogal enfática.

soante sempre se conserva com aspiração forte: *edho* (o que deixa) = ed-ho. (4)

Há ainda duas semiconsoantes "y" e "w", que também servem para transcrever as semivogais correspondentes: *eya* (pouco), *wey* (olá), *awtosá* (essa). E o "w", quando entre consoantes, ou o emprego para designar o "schwa" relativo a "u" ou "o": (*tho*, morrer) *ithwkwá* (morro): pronuncia-se entre *ithkwá* e *ithukwá*.

2.º

Não existe artigo. O substantivo divide-se em três grupos, seguindo o processo do verbo, (5) e varia em gênero, número e tempo; (6) os adjetivos em gênero e número, às vezes em tempo. Quanto ao gênero é interessante notar que, em se tratando de palavras que indiquem coisas ou objetos usados como instrumento ou meio, são do feminino, e quase sempre com sentido determinado: *ekdoá* (corredor, aquele que corre), *ekdonkya*

4) Não haja confusão com as aspiradas *ph*, *th*, *kh*, pois nestas o *h* soa levemente. Quando pronunciado forte, escreve-se duplicado: *makhkhô* (o que recebe) = *makh-hô*.

5) *oyá* (água é do 1.º; *txiêka* (árvores), do 2.º *ti* (casa) do 3.º.

6) O feminino forma-se geralmente com os sufixos *ne*, *nkya*, *so* e *sa*; exs.: *xi* (irmão) *xine* (irmã); *kla'i* (o branco), *kla'inkya* (a branca); *sekéyniho* (professor), *sekéyniso* (professora); *ka* (filho), *kasá* (filha); às vezes há palavras diferentes: *otšká* (homem), *tyai* (mulher). O plural se forma com os sufixos *sato*, *to*, *tkhwa*, etc. e alguns são irregulares. Os tempos são: presente (*seti*, casa), passado (*setisê*, casa que foi), futuro (*sêtihe*, casa que será), condicional (*setikeá*, casa que havia de ser), como no tupi: *oka*, *okwera*, *o k w a m a*, *ekambwera*.

(corredora, aquela que corre; aquilo que corre, carro); *tóthwnese* (qualquer coisa que sirva para enxugar), *tóthwnesesne* (objeto próprio para enxugar; a toalha). E muitos nomes se empregam no feminino para indicar o indivíduo, e no masculino para designar a coletividade: *i-setadoá* (minhas galinhas), *i-setadone* (minha galinha). A língua é, por natureza, concreta: os conceitos abstratos dos substantivos vão ainda surgindo por agora, depois do contacto com o português, p. ex. *ethoasé* propriamente significa o tempo ou o modo de amar, etc. e também passa a designar o amor.

Os adjetivos possessivos são os mesmos prefixos pessoais usados como sujeito ou objeto do verbo: *i* (eu, me, meu, minha, meus minhas), *a* tu, te, teu, tua, teus, tuas), etc.; mas por outro lado há formas especiais para os pronomes possessivos: *iksá* (meu), *iksasá* (minha); *aksá* (teu, o teu), *aksasá* (tua, a tua) etc.

Os numerais seguem o sistema quinário, porque antes só contavam até cinco, e hoje, com a influência da civilização, prosseguem pelo menos até cinquenta, mas sempre na base de cinco (e não de dez): *fathoá* (um); *fathoane* (uma); *tkano* (dois, duas); *lixino* (três); *sotokano* (quatro); *khoyáfhtha* (uma mão, cinco), *khoyatkano* (duas mãos, dez), *hkoyalixino* (três mãos, quinze), *khoyasa-totkano* (quatro mãos, vinte), etc. De seis até nove, ou de onze até quatorze, etc. basta acrescentar-se a unidade: um, dois, etc: *khoyáfhtha-thake-fathoá* (cinco mais um, seis), *khoyáfhtha-thake-tkano* (cinco mais dois, sete), etc. *khoyatkano-thakefathoá* (dez mais um, onze), etc. Usam também o português, a partir de quatro em diante, com o sufixo *no*; p. ex.: *séteno*, *dézeno*, *quinzeno*, *vinteno*, etc. Supremos muitas vezes com os indefinidos, que são variadíssimos na forma e no conceito. Dos ordinais só

existe a forma referente à unidade: *klehê* (primeiro), *klehene* (primeira); nos demais casos em geral se empregam os demonstrativos, ou mais raramente os cardinais seguidos de *mteá*, indicando sempre o número seguinte: *fathhoá-mtea* (segundo), *tkanô-mtea* (terceiro), etc.

O pronome relativo não existe, mas vem suprido, em tôdas as suas funções, pelos participios ou nomes verbais, o que igualmente acontece no ramo tupi-guarani. Esses verbais, de fato, têm uma forma subjetiva para os verbos transitivos, com o sufixo *ho*: *ewho* (que mata, matador); outra subjetiva para os intransitivos e objetiva direta para os transitivos, com o sufixo *doá*: *etyádoá* (que cai), *êwdoá* (que alguém mata; *iêwdoá*, que eu mato); e uma terceira para o objeto indireto e os complementos circunstanciais, com o sufixo *se* e suas variantes *si* e *xi*: *isathatxi* (com quem converso; tempo, lugar, modo, etc, de conversar). Tôdas com gênero, número e tempo próprios.

Os pronomes pessoais variam em gênero e número: *owê* (eu, masc.), *osô* (eu, fem.); *awe* (tu, masc.), *asá* (tu, fem.); *sá* (êle), *sasá* (ela); etc. Na primeira pessoa do plural não há duas formas, uma inclusive e outra exclusiva, como se encontram no tupi-guarani: *yo'ô* (*A nós*, eu e tu, eu e vós, "iandé; eu e êle, eu e êles, "oré").⁷⁾ Junto com os verbos, empregam-se os prefixos pessoais, com função subjetiva, objetiva ou como complemento de preposição: *i-a-k seti koká*, eu te dou a casa; *a-i-k seti koká*, tu me dás a casa; *i-tha-k seti koká*, eu lhes me amam, *i-tha-thoaká*, eu os amo.

É interessante notar que, por motivo pura-

7) Os que afirmam que os prefixos pessoais *ya* e *yé* são respectivamente inclusivo e exclusivo, ou vice-versa, erram, porque *yé* é contração de *ya+e*: *ya-e-wkya*=*âyéwya* (nós o matamos).

mente fonético, o prefixo “i” de primeira pessoa singular, quando seguido dos fonemas “d, k, kh, t” iniciais de verbos ou nomes, faz com que essas consoantes desapareçam e êle, passando pelo som semiconsonantal, transforma-se em “dy” antes de vogal ou consoante sonora, ou em “ty” antes de consoante surda: *i-dòfá* ou *dyòfá* (minha sombra), *i-kfalka* ou *tyfalka* (eu escuto), *i-tkoka* ou *tykoka* (eu entro), etc.; e ainda quando se encontra com “e”, contrai-se em “di”: *i-kewa* ou *diwa* (meu intestino), *i-tèkhá* ou *dikhá* (meu íntimo), etc.

Os demonstrativos obedecem mais à ordem ou posição do que ao conceito de pessoa. Há formas simplesmente demonstrativas, que não supõem movimento. Outras indicam a chegada e a partida: designam o movimento para cá ou o movimento para lá, no tempo e no espaço. Além disso, tôdas determinam a posição, se perto ou longe (ou invisível):

- 1) *owá* = êste, o primeiro
awa = êsse, o segundo
atxiwa = êsse, aquêle perto, o terceiro
atxanwa = aquêle longe ou invisível, o quarto.
- 2) *adinwa* = êsse que vem chegando (perto); o tempo futuro próximo.
ahinwa = aquêle que vem chegando (longe ou que não se vê); o tempo passado remoto.
- 3) *ániwa* = êsse que vai andando (perto); o tempo passado próximo.
atxánixa = aquêle que vai andando (longe ou que não se vê); o tempo passado remoto.

Tôdas essas formas são susceptíveis de gênero e número e há um plural, invariável em gênero,

“mansamente”). Os locais se formam, na maior parte, dos demonstrativos regidos das diversas preposições: (*owá*, êste) *okê*, aqui; *ode*, daqui; *owai*, por aqui; (*owa*, êsse) *awkê*, aí; *awai*, por aí; *awde*, daí; etc. Entre os temporais, (que geralmente acabam em *ma*: *soma*, amanhã; *onima*, hoje), há dois lusitanismos arraigados, sem outra forma especial na língua yathê: *úntima* (ontem) e *antúntima* (anteontem).

As preposições, como no tupi-guarani, colocam-se depois da palavra ou locução regida por elas: *otská-kê*, ao homem; *otská etyadoas-kê*, ao homem que caiu. Melhor as chamaria de “posposições”, conforme o fez Montoya quanto ao guarani. Algumas delas são simples: *ke* (em, a), *khdi* (por), *te* (com), *de* (de ex”), etc.; muitas outras são locuções: *kose-kê* (fora), *kese-kê* (junto), etc. Em geral há uma forma particular para designar cada uma das diversas acepções muitas vezes indicadas por uma única preposição em português. Por exemplo, a preposição “com” se traduz por *te* (instrumento), por *tole* ou *tele* (companhia), por *lyai* (a carga; como quando dizemos: vou com o menino, isto é, carregando-o). Igualmente a preposição “para” tem várias traduções: *khòfea* (designação, determinação), *tí* ou *tui* (movimento), *khdi* (direção, “versus”), *ma* (finalidade, escopo, término), além de *ke* significando “a” ou “para” como objeto indireto.

As conjunções coordenativas têm forma própria e vêm no comêço da oração: *nema* (e, então), *khonefã* (mas, contudo), etc. As subordinativas confundem-se na maior parte com as preposições e, como estas, colocam-se depois do verbo: *ikhwkama*, até que eu beba, para que eu beba; *ikho-te*, para eu beber, a fim de eu beber, etc. Algumas no en-

bocejar; *ithaede-ká*, eu bocejo depressa. Mas como disse, êste segundo grupo consta ainda de dois-sub-grupos: no primeiro o tema acaba em qualquer vogal, exceto "i" (e dele acabei de dar exemplos); no segundo termina em "i": *kili* (subir), *ikilkya* (subo); *ikil-dyot-kya*, não subo; *ikil-tyakh-ká*, quero subir; *ikil-di-ká*, subo depressa.

Os modos eu os dividi em absolutos e relativos, compreendendo o seguinte:

- a) *Absolutos*: indicativo, enfático, imperativo, optativo. 8)
- b) *Relativos*: hipotético, causal, final, temporal, supino, gerúndio. 9)

Todos êles têm forma especial para indicar a afirmação e a negação: *ikhkwá*, belo, *ikhwdotkya*, não bebo; *inetkaká*, quero, *inetkadeká*, não quero. O indicativo além disso possui formas diferentes para a simples declaração (forma fraca): *ikhkwá*; bebo; para a interrogação: *akhwmã*, bebes?; e para a resposta: *ikhô*, bebo.

Os tempos são: o *presente*, que também tem valor de pretérito imperfeito e mesmo de perfeito (*ikhkwá*, bebo; bebia, bebi); o *imperfeito* usado geralmente em tom narrativo ou histórico (*ikholyaká*, bebia); o *perfeito* indicando ação completamente passada e fazendo também a função de mais-que-perfeito (*ikwkwasê*, bebi, bebera); o *futuro imperfeito* que igualmente pode representar

8) Vejamos como exemplo o verbo do 2.º grupo *kho* (beber): *ikhkwá*, bebo; *ikhwdô*, bebo! bem sim! (como no inglês: I do drink); *akhoxi*, bebe! *ikhkwedo*, oxalá eu beba.

9) *ikhwsekê*, se eu beber, se eu bebesse; *ikhkwakê*, porque bebo; *ikhkwama*, para que eu beba; *ikhwma*, quando bebo, quando beber; *ikhote*, a beber, para beber; *ikhwté*, bebendo.

- a) por meio da partícula *ne* ou *ni*, formando verbo do primeiro grupo. Há apócope na raiz verbal. Se a vogal apocopada não for "i", junta-se a partícula *ne*, mas se o for, acrescenta-se *ni*:
txóloa, estar quente *txólne*, esquentar
nali, estar pintado *nalni*, pintar
tiá, grande *tni*, engrandecer
- b) por meio da partícula *ne*, formando verbos do segundo grupo. A raiz verbal não se apocopa ao receber essa partícula:
hda, ser surrado *hdane*, surrar
uli, ser comprido *uline*, alongar
- c) por meio da partícula *te* colocada, a modo de preposição, depois do complemento do verbo, quando a raiz verbal já termina em *ne* ou *ni*: *i-amāneká*, eu me abaixo, *ta-i-te amāneká*, êle me abaixa; *ta-tilyinkya*, êle é bonito, *i-ta-te ttilyinkya*, eu o embelezo.

As vêzes os sufixos verbais *ka* e *kya* perdem sua função própria e se integram com a raiz do verbo. Ambas essas desinências desaparecem e se acrescenta a partícula *ne*. Então os verbos que acabavam em *ka* passam a pertencer ao segundo grupo, e os que terminavam em *kya*, ao primeiro:

ttsdaká, tórto, ser torto *tsdane*, entortar
xkya, chato, ser chato *xne*, achatar

Como vestígio de apassivação, apresento os verbos cuja raiz acaba em uma vogal breve, os quais se tornam passivos por meio do sufixo "a", formando verbos do segundo grupo:

lefetiá i-futykyá, peguei o boi
l efetiá í-futykyá, o boi me pegou

No segundo exemplo o prefixo se pronuncia em tom mais elevado e com acento secundário. Com os verbos começados por “d, k, kh, t”, se forem intransitivos, usa-se indiferentemente na primeira pessoa singular a forma “i” ou a forma “dy” ou “ty” com valor subjetivo; se porém forem transitivos, emprega-se a forma “i” geralmente com função subjetiva, e a forma “dy” ou “ty” sempre com valor objetivo: *i-kfelneká* ou *tyfelneká*, eu brinco, *i-takiká* ou *dyakiká*, estou zangado; *i-keyniká*, eu lhe ensino alguma coisa, *ta-i-keyniká* ou melhor *ta-diyuniká*, êle me ensina; *i-e-kdewkya*, eu o ajudo *ta-i-kdewkya* ou *ta-dydewya*, êle me ajuda.

Os nomes de parentesco, de partes do corpo, etc., isto é, os que designam conceitos relativos a partes do corpo, etc., nunca se usam como absolutos, mas são enunciados nesta forma com o prefixo pessoal indefinido “se” (= a gente) correspondente à partícula “asé” do tupi-guarani, ou mesmo com o prefixo de primeira pessoa, principalmente do singular: *i-tfê*, pai (literalmente: meu pai); *se-ktsalê*, língua (liter.: língua da gente); *se-ti*, casa (liter.: casa da gente); etc.

Com respeito à quantidade, ao acento, ao timbre vocálico, à entonação e ao “glottal-stop”, bas-

qual portanto é ilimitado. Sob o conceito do meu “eu” está p. ex.: a minha casa, o meu braço, o meu pai, etc., do mesmo modo que sob o conceito de “pedra” estão as pedras brancas, as grandes, as pequenas, etc.; usando um adjetivo junto, p. ex.: “pedra verde”, restrinjo aquele conceito imenso. Assim, quando acrescento ao meu “eu” alguma parte, p. ex.: “eu-casa”, refiro-me apenas a essa parte, denotando-a porém como pertencente ao meu “eu” e portanto estou restringindo êsse meu “eu”. Em suma “eu-casa”, equivale logicamente à expressão portuguesa “minha casa”.

pronomes). A frase se coordena em um vocábulo, com o polissintetismo encontrado na maioria das línguas indígenas americanas. É uma língua de relação pura: exprime também seus conceitos por meio da ordem das palavras. Nisto ela está concorde com a maior parte dos idiomas dos nossos índios (senão com todos), mas difere p. ex. do cariri e do urupá, porque no yathê a relação é regressiva e nesses dois grupos é progressiva, a não ser que se trate de um composto exocêntrico, isto é, em que o centro da gravidade está fora do composto, porque o conceito designado lhe é extrínseco: aí todos os grupos em geral se aproximam. E quero terminar com uma observação: No que diz respeito à pretensa relação entre o yathê e o cariri, basta-me dizê-lo de passagem que o yathê, embora com pouquíssimas palavras de empréstimo, difere do cariri na fonética, na morfologia, na sintaxe, na estilística e no vocabulário.